

**Arquitectos e canibais,**  
*Euronotícias*, 3 Outubro 2003

Mário Moutinho

A Arquitectura é o exemplo de como a inércia e a irresponsabilidade conjugadas a vários níveis, permitiram a criação de uma profissão onde são mais os desempregados que aqueles que podem exercer socialmente e com dignidade a profissão que escolheram. Aos 11.000 Arquitectos inscritos na Ordem vão juntar-se quase outros tantos nos próximos 5 anos, logo que saíam das universidades os 9.000 alunos que frequentam actualmente os vinte cursos de arquitectura.

Claro que quanto mais Arquitectos se formarem, mais degradado estará o mercado de trabalho, para satisfação dos gabinetes de Engenharia e de Arquitectura, com a inevitabilidade das políticas de baixos salários como na indústria do calçado ou de instabilidade do emprego como nas multinacionais. Cada vez mais os arquitectos trabalham por 4 ou 5 Euros à hora. Já lá vai o tempo em que trabalhavam ao dia ou que podiam esperar um contrato de 1 ou dois meses...).

E no entanto, famílias e jovens durante anos alimentaram sonhos e penúrias que se esgotam no confronto com a triste realidade do dia a dia, apenas mistificada pelo sucesso de alguns (poucos) Sizas ou dos Frank Gehry...

Como é possível que nem a Ordem dos Arquitectos, nem os dois Ministérios da Educação, nem os Conselhos de Reitores das Universidades Subsidiadas (CRU(S)P) nem o seu equivalente das auto-financiadas (APESP-AF), se libertem do atrofiamento com que têm acompanhado o esvaziamento desta área profissional? Não sabemos a resposta mas uma coisa é certa: cada entidade trabalha por conta própria à revelia do mais elementar sentido de responsabilidade social.

A Arquitectura é actualmente para as instituições de Ensino Superior garantia de alunos. Isso significa subsídios e agora novas propinas para as subsidiadas estatais e, dispensa de inovar nas formações que disponibilizam, para as auto-financiadas. Porquê inovar se as turmas se têm enchido ano após ano?

Por isso o desenvolvimento de ensino específico, consistente e qualificado, de Urbanismo ou de Engenharia do Território continua a ser marginal no panorama do Ensino Superior em Portugal.

Será muito pretender que as universidades poderiam e deveriam assumir o ensino do Urbanismo como área prioritária e em consequência criar sem mistificações as Licenciaturas de Urbanismo que o País necessita para acabar com o descalabro urbanístico em que vivemos?

Mas para os Ministérios não há inquietação que os mova a levar a sério as questões de orientação vocacional no ensino secundário, tanto mais que a Ordem dos Arquitectos reforça cada dia a sombra que facilita o confundir das competências, dos perfis profissionais e de formação, de Arquitectos e Urbanistas. Como se a tão falada criação de um colégio de Urbanistas à revelia dos graus académicos (que a OA tanto defende para si), todos os arquitectos desempregados passassem por magia a ser urbanistas qualificados e pudesse, criar por si só, algum novo posto de trabalho! .

O tempo fará como noutras áreas a sua obra. Também a moda da História, do Direito, ou da Gestão ou o bloqueamento da Medicina e Ciências da Saúde em geral passou e passará, deixando evidente como sai caro ao País não prever, não ousar procurar novos caminhos enquanto é útil.

Por este caminho em breve, Arquitectos em Portugal, seremos 100.000. Tantos quanto precisam os 35 milhões de portugueses para os quais foram feitos os PDM !!!

Estamos em presença de uma profissão que se canibaliza, onde os ressabidos patrões e os bem relacionados da arquitectura protegidos num sobressalto de corporativismo, devoram os mais jovens parceiros, actuando num mercado de trabalho e de ensino cada vez menos responsável.